

BÁRBARA SANT'ANNA CHAVES

ARTE E FUNÇÃO SOCIAL

Uma reflexão do papel da arte e do artista na contemporaneidade diante das problemáticas sociais levantadas na montagem “Os gatos morrem no asfalto”, de André Amaro.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

BRASÍLIA DF
2011

BÁRBARA SANT'ANNA CHAVES

ARTE E FUNÇÃO SOCIAL

Uma reflexão do papel do artista na contemporaneidade diante das problemáticas sociais levantadas na montagem “Os gatos morrem no asfalto”, de André Amaro.

Monografia apresentada à Comissão Examinadora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção de título de Bacharelado em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso

BRASÍLIA DF
2011

Comissão examinadora:

Professor Dr. Jorge das Graças Veloso (orientador)

Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília

Professora Dra. Luciana Hartmann

Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília

Professor Mestre Jesus Fernando Vivas de Souza

Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília

DEDICATÓRIA

A minha querida tia Débora Sant'Anna que me ensinou o amor a arte.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, por me proporcionar a dádiva de ser artista e de me fazer questionar diariamente as realidades da vida, sonhando com um mundo sem injustiças;

Aos meus pais por não medirem esforços para me auxiliar nas minhas escolhas profissionais;

A família Sant'Anna por ser rica de artistas, a família Chaves pelo constante carinho e aos amigos pelo apoio e companheirismo.

Ao meu tio Helinho, pela assistência neste trabalho;

A Luciana Perfeito pela ajuda psicológica e espiritual, que diariamente tem iluminado minha vida;

Ao meu orientador Graça Veloso, que trouxe reflexões que vou levar pra sempre em meus pensamentos.

Aos professores: Rita de Castro que foi como uma mãe, Simone Reis por me desorientar para me encontrar, Alice Stefânia por me disciplinar, Denis Camargo mestre da palhaçaria em minha vida e Luciana Martuchelli que me transformou por completo.

As pessoas que não acreditaram em mim, pois graças a elas tive o mote para criar este trabalho.

Ao Cirque Du Soleil que desde minha infância, trouxe sensibilidade em minha vida.

Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver.

Bertold Brecht

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I - A FUNÇÃO DA ARTE NA SOCIEDADE.....	10
CAPÍTULO II – A RELEVÂNCIA E A DIFICULDADE DA ARTE.....	17
CAPÍTULO III - A FUNÇÃO DO ARTISTA NA SOCIEDADE A PARTIR DE UMA ANÁLISE DO ESPETÁCULO “OS GATOS MORREM NO ASFATO” ..	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Ao final do Século 18 na Europa ocidental, a arte foi tratada como algo belo e especial, entretanto na contemporaneidade essas qualidades já não são obrigatoriedade, já que o conceito do que é belo modificou. Logo o antigo conceito da arte baseado na estética, crítica e história, está em decadência. Com isso surgem dúvidas a respeito do papel da arte, já que com o fim das ideologias, morte dos sonhos e diluição da arte na década de 60, a arte perdeu seu ideal, mas também passou a pertencer a um contexto. Um dos motivos é o padrão artístico imposto pelas instituições midiáticas.

Nesta monografia será desenvolvido o tema que tem por objetivo discutir a importância da arte e do artista na sociedade. Trata-se de um aprofundamento no debate acadêmico, sobre a problemática da arte e do artista, pelo viés da relevância da arte na sociedade. O estudo surgiu a partir da constatação da dificuldade que o artista enfrenta para sobreviver e dos preconceitos recorrentes com a arte.

A exemplo disso, desde que ingressei no curso de graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília, vários foram os questionamentos sobre a escolha desse curso, sob alegações preconceituosas de que: “você vai passar fome”, “artista é tudo doido”, “que emprego você vai ter?”, “artista é vagabundo”. Por outro lado, as críticas se construíram com uma certa visão utilitarista da arte, com a imposição de um “modelo de sucesso” com a profissionalização do trabalho do artista: “Quando é que vou te ver na novela?”.

A sensação de revolta vinha à tona sempre que ouvia essas questões suscitando respostas incontinenti sem uma reflexão como “Não subestime o meu futuro. Eu vou conquistar muitas coisas com a arte!”. Passado o período de formação acadêmica com maior amadurecimento, passo a lidar com menos arrogância diante dessas questões, e de modo com uma certa tranquilidade de quem consegue enxergar a arte a partir de outro prisma.

Nesse sentido o ganho que eu tive diz respeito à valorização da arte como uma construção social e sua relevância. É preciso calma ao se argumentar contra os preconceitos, porque provavelmente o problema não pertence à pessoa que o profere, mas sim da falta de cuidado que a sociedade

tem em ensinar desde pequenos, o valor da arte estimulando nossa sensibilidade.

Tive o privilégio de escolha com a peça na disciplina de diplomação que também aborda o tema aqui proposto, que tratava de uma possível decadência da arte e de profissionais artistas sem perspectivas. E como fica o artista diante disso tudo? Como fica a sua alteridade? Sua legitimação de espaço? O artista pode acabar sofrendo, por exemplo, ao interpretar em um teatro institucionalizado, podendo então acreditar que perdeu a sua função como artista e, nesse caso, questionar sobre a utilidade do teatro. Afinal, qual é o papel do artista na sociedade e na arte?

Esta monografia foi organizada com o primeiro capítulo abordando recortes da História da arte desde o período paleolítico até a contemporaneidade, com exemplos que enfocam as diversas funções exercidas pela arte ao longo do tempo, demonstrando que o fazer artístico vai além do simples lazer e de eventual fundamentação socioeconômica. Esse capítulo aborda os preconceitos, de se agregar à arte uma utilidade como se fosse uma “verdade absoluta”, restringindo a arte a apenas um conceito. O capítulo levanta possíveis reflexões que possam esclarecer e também questionar possíveis verdades existentes na sociedade.

O segundo capítulo aborda os preconceitos e dificuldades sobre a arte, dando um maior enfoque ao teatro, demonstrando sua história, funções e as problemáticas que a contemporaneidade está passando, pois o teatro cada vez mais está perdendo seu público. O capítulo esclarece a importância e contribuições do teatro no contexto da arte nas cidades.

O terceiro capítulo trata da função do artista na sociedade, em diálogo com uma análise do espetáculo “os gatos morrem no asfalto” de André Amaro, tentando explicar porque existe o preconceito, este que existe dentro da arte e entre os artistas também, não sendo somente um problema fora dos ramos das artes.

A reflexão teve por subsídio os autores Maria Beatriz Medeiros, Denis Guénoum e Maria Amélia Bulhões. Maria Beatriz Medeiros trata da estética na sociedade de uma maneira didática expondo seus pensamentos a respeito da arte e linguagem e educação estética, a fim da sensibilidade da arte regenerar os sentidos humanos. Por isso o título de seu livro é “Aistheses” que significa

“percepção pelos sentidos”. Denis Guénoum traz a reflexão do teatro contemporâneo, a partir do questionamento “o teatro é necessário?”, a partir de um levantamento histórico e as constantes modificações de seu conceito. Maria Amélia Bulhões dialoga sobre o universo de práticas simbólicas artísticas, e que somente apenas uma parte delas é considerada arte, e que isso ocorre devido à institucionalização ocorrida desde o Século XIV na Itália, que reverbera até os dias atuais.

Conforme se observa a atuação do artista na contemporaneidade, diante das contradições sociais, tais como preconceitos e lutas por sobrevivência, este trabalho não necessariamente chegará a uma conclusão, mas sim um esclarecimento da importância da arte e o fazer artístico, com intuito de expandir nossas ideias que muitas vezes estão presas a questões que rotulam a arte.

CAPÍTULO I – A FUNÇÃO DA ARTE NA SOCIEDADE

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar!

Eduardo Galeano - Livro dos Abraços

A função da arte pode ser analisada a partir de registros históricos sociais, o que torna possível destacar sua importância e relevância a partir dos reflexos culturais em cada época, especialmente no que diz respeito às peculiaridades e especificidades sociais. Nesse sentido, a arte permite, per si, o resgate do registro histórico, pois é possível saber muito do início da História da humanidade e de civilizações remotas, devido à arte transpassada através das gerações podendo, então, saber os valores e estágios socioculturais de um grupo social em um específico momento. Apesar de não sabermos toda a História de todas as civilizações humanas, do que já foi pesquisado, não se tem registros de grupos sociais que não realizaram a sua arte, pois desde a mais antiga a mais atual a arte sempre foi manifestada, com não uma, mas sim várias funções denominadas. As mais comuns existentes, por exemplo, no senso comum são: questionar, humanizar, representar, expressar, transmitir retratar, criar, recriar, conscientizar, desalienar, inspirar, estimular, espelhar,

explicar, descrever, ajudar, explorar... entre outros. Mas será mesmo possível atribuir à arte uma função, visto que é um tema que propõe muito mais uma reflexão do que uma taxação de conclusão e verdade absoluta? As definições dadas pelo senso comum, ao mesmo tempo em que explicam elas restringem, pois acreditar que a arte é apenas isso é reduzi-la. Não podemos rotulá-la, tentar ter a resposta, ou a verdade única da arte, pois ao fazermos isso estaremos restringindo seu significado e esse significado que impormos logo estará obsoleto, pois a arte se transforma com a sociedade, tempo e História e muitas vezes está além do que possamos compreender. “Qualquer discurso sobre uma arte será apenas uma leitura efêmera, a partir de um certo ponto de vista, um ponto na amplidão. Se explicar, concluir e extrair significados serão redutores. (MEDEIROS, pág. 82).” A partir de uma breve síntese histórica a seguir, é possível refletir sobre as diversas funções da arte em diferentes grupos sociais.

No ano 4000 a.C., a arte era a partir de caracterizações da natureza, e o artista, que provavelmente era caçador, acreditava que ao pintar o animal, principalmente morto ou ferido, poderia então dominá-lo. Descobriu a técnica de tecer panos, organizou pedras para criar moradia e criou objetos de cerâmica em que se preocupava com a beleza além da utilidade. O artista xamã intermediava as forças ocultas da natureza, neutralizando as más energias para atrair as boas.

Os egípcios tinham a religião como fator determinante na cultura, classe social e arte. A arte era feita para glorificar e adorar os deuses e o faraó, relacionando com a vida após a morte, esta que era considerada mais importante do que a vida do presente.

A Arte Grega, mesmo ligada à inteligência, possuía rituais de adoração santificados e representações de mitos. A arte também era para o prazer da vida presente preocupando-se com a perfeição, beleza, racionalismo e democracia. O teatro catártico devia ajudar a sociedade a se expurgar de seus males, ao mesmo tempo em que procurava elevar a moral de seus cidadãos.

A Arte Romana, era prática e com retratação fiel da realidade, ou seja, sem uma beleza idealizada como os gregos, e devia retratar grandeza, força, energia e sentimento. Neste período que se originou o termo “pão e circo” e a pantomima.

Na idade média europeia, a igreja católica ditava as regras artísticas e culturais da sociedade. A arte, obrigatoriamente relacionada a Deus, era didática com retratações das histórias bíblicas, pois havia muitos que não sabiam ler. No estilo Gótico, tanto a arquitetura quanto o vestuário, eram representados por linhas verticais para que ficassem mais próximos do céu e de Deus.

No renascimento, ressurgiu a cultura greco-romana, como mote inspirador de um novo modelo social, com valorização do humanismo e da natureza, em contraponto com as doutrinas medievais ligadas ao divino. Entretanto, o artista produzia para os grandes mercadores, a aristocracia e a igreja, tendo então poder político manipulador. Já no Barroco, a emoção e o sentimento tentaram romper com a razão e ciência impostos pelo renascimento. Conflitos espirituais e religiosos, e tentativas de conciliar forças antagônicas, foram o tema central da Arte Barroca.

Após alguns séculos, já em pleno modernismo, o homem passou a ser idealizado para uma reconstrução futura. O realismo, que era ligado à industrialização burguesa, foi à retratação fiel da realidade, tendo como característica o cientificismo e a valorização do objeto, sem a subjetividade e a emoção. No teatro o figurino, o cenário, a iluminação e os personagens procuravam reproduzir um realismo bastante apurado, da realidade humana, e tinha como tema a política, com o anúncio das injustiças sociais. A arte como manifesto.

O expressionismo foi uma tentativa de retratar o instinto e os sentimentos humanos, com uma preocupação social, pois os artistas acreditavam que a indústria e o militarismo mecanizavam o homem. No futurismo a arte estava ligada a tecnologia, a máquina, energia e velocidade do movimento no espaço e como meio de propaganda. O dadaísmo foi o movimento absurdo, incoerente, de desordem e caos, que negava a cultura e acreditava que a arte deveria banir o racionalismo, ficando apenas com o psíquico. O surrealismo, também irracional e subconsciente, acreditava na destruição da atual realidade, para que surgisse uma nova, como no “Teatro da crueldade”, criado por Antonin Artaud, com o intuito de liberar o inconsciente da platéia. O modernismo foi o período da negação das formas artísticas

tradicionais, consideradas ultrapassadas. Era necessária uma nova ordem cultural e social, para promover o progresso. O novo era considerado melhor.

O pós-modernismo, como muitos teóricos definem a nossa contemporaneidade, nos coloca permanentemente em contato com a crise das ideologias modernistas do séc. XX. Muitos artistas afirmam que houve a “perda da aura do objeto artístico” nos dias atuais.

Ao analisar o histórico da arte surgem possíveis questionamentos, como por exemplo, o fato da História afirmar que o homem paleolítico era caçador e desenhava para ter domínio sobre o animal. Será que era realmente isso? Quem poderia negar que não era apenas um homem com uma vontade, ou necessidade intrínseca, introspectiva de apenas se expressar emocionalmente? Ou que um pintor modernista estava necessariamente negando uma expressão artística? Pode ser como também pode não ser. Os estudos históricos tem sim uma lógica ao tentar determinar e explicar o que o artista expressou, mas é preciso muita cautela ao se afirmar e impor uma determinada função, pois assim poderemos estar afirmando algo que não necessariamente é.

Mas o que se pode concluir no estudo da História, é que a arte possuiu um grande valor social, entre o artista e a sociedade, podendo existir um canal de relacionamentos. Por isso muitas vezes a arte foi e é, uma das formas consideradas eficientes de expressão cultural de um povo.

A produção da arte foi, é, sempre, junto a um todo social. A arte é reflexo é o próprio espelho de um momento histórico, social, econômico, político, tecnológico, científico... diz-se a partir do renascimento, até hoje, que a arte é produto de um indivíduo... o artista não é um ser solitário como quiseram muitos tuberculosos pintores e poetas românticos. Ele é, ele mesmo, espectador do mundo, espectador participante, ele é espectador do outro, do outro membro do grupo e espectador de sua própria obra e de seu publico. (MEDEIROS, 2005, pp.115-116).

Que fique claro que a História não necessariamente está errada, não existe certo e errado quando se trata nesse assunto, porque provavelmente as funções denominadas eram o que foi dito, mas o problema está em acreditar que eram apenas aquilo. A arte pode ter sido sim questionadora, negadora, religiosa, entre outros, mas foi também muito mais do que isso.

A arte não serve apenas para questões socioeconômicas e lazer, mas também pode instigar as pessoas a conhecerem a si mesmas, e a sociedade, para propor, ou não, mudanças. Na História da arte vemos em vários períodos a busca pela transformação e melhoria da sociedade. Às vezes o indivíduo necessita de uma retratação para se ver naquilo, ou até não se ver e analisar a obra e então ser realmente tocada, sensibilizada para poder reconhecer e conhecer a si própria. Quantas e quantas vezes não somos sensibilizados com a arte? Isso porque ela também pode ser catártica, em trazer uma purificação espiritual através da emoção.

A arte traz o real à tona, escancara as relações sociais, econômicas e políticas. A arte vai buscando espaçar a dissecação da linguagem. Quando a torna palavra, discurso, significado específico, manual de utilização e objeto de academias, ela busca outros filões. Quando ela se deixa ler, é apreendida, torna-se objeto de conhecimento, deixa de ser espaço aberto ao sensível e se abole como “força de fascinação” (MOLES; Rohmer, 1997). Daí a necessidade de inovação. A busca do novo não é busca de novidade- isso é próprio da publicidade. Quando acontece arte, é o novo que é solicitado [...] (MEDEIROS, 2005, p.77).

Talvez seja mais apropriado então, não agregar a arte o termo “função”, mas sim “relevância”, pois como pode ser compreendido na história, a arte teve muita relevância para com a sociedade, com a sua grande dimensão de mudanças, melhorias, conhecimentos entre outros, proporcionados por ela. E a arte está em contínua metamorfose e transformação, por isso na contemporaneidade fazer a pergunta “Isso é arte?”, pode não ser muito apropriado, talvez seja mais interessante pensar, “quando?”, “onde?”, “em que momento?”, “em quais circunstâncias, aquilo foi e será arte?”. Não é vale-tudo, mas sim tudo vale. Tudo é válido para se transformar em arte. Entretanto deve haver uma comunicação entre a obra e o espectador, uma conexão de significados, entendimento racional ou emocional.

Somos – você, qualquer um, eu- responsáveis por nossas palavras e atos reconhecidos como seres responsáveis; logo, temos o direito de resignar um objeto como arte, e aquilo que assim designarmos será arte para nós, e isso será indiscutível. É arte para Duchamp, aquilo que ele determina como arte, da mesma forma que aquilo que ele determina como arte, da mesma forma que aquilo que o crítico determinar será arte. Mas também, é talvez, e, sobretudo será arte,

aquilo que nós (eu, tu, ele, nós, vós, eles) designarmos como tal. (MEDEIROS, 2005, p.35)

A arte existe muito mais do que para sensibilizar apenas, ela esta presente para o artista possa expor e expressar sua arte, sentimento, pensamentos, opiniões, criticas, entre outros, e também está presente para que o indivíduo seja capaz de experimentar e refletir sobre si mesmo e a sociedade, desenvolver sua humanidade, para melhorar sua capacidade de ser sensivelmente pensante. “O prazer estético pode reconciliar o espírito e os sentidos e dar nascimento a uma sociedade de seres harmoniosos, escapando ao caos, à desordem e a loucura. (MEDEIROS, 2005, p. 89).”

A partir deste estudo encontramos uma possível problemática na sociedade. O questionamento da contemporaneidade em relação à arte e principalmente ao teatro: qual é afinal a sua relevância? Mesmo com os relatos históricos da função da arte, ainda pode-se encontrar na sociedade atual, questionamentos de sua relevância, estes que também aparecem entre os artistas. Algumas pessoas que estão presas à rotina corriqueira, exigidas com produtividade e eficiência nos prazos, podem afirmar que a arte não possui necessidade alguma na sociedade. É possível entender por que essas pessoas acreditem nisso, pois é muito difícil, ou até seja impossível, de se designar a arte uma função propriamente dita. A arte não possui utilidade, no sentido pragmatista e imediatista de servir para um fim além dele mesmo; mas nem por isso a arte é desnecessária.

É verdade que a arte pode até ter possuído função utilitária pragmatista, como nos primórdios da história humana em que servia de ferramenta de sobrevivência. Mas como vimos o homem paleolítico criava cerâmicas também com a preocupação do belo, ou seja, pode ser que quando o homem olha para um objeto e o vê além de sua utilidade prática, ele desperta a arte, o seu fazer artístico, podendo então trazer uma transformação e renovação do objeto em si.

Hoje em dia já não é regra o utilitarismo da arte, e por isso é bem recorrente discussões e opiniões a respeito. Por isso acredito que a palavra “função” não é adequada a arte, pois ao se utilizar esta palavra automaticamente estamos exigindo um papel. E será que é isso que a arte é?

Algo que serve especificamente para um propósito? O capítulo a seguir irá tratar dos preconceitos que surgem devido a necessidade de se impor uma função a arte.

CAPÍTULO II – A RELEVÂNCIA E A DIFICULDADE DA ARTE

Nós gostaríamos muito de ter a intuição de encontrar olhares sem estereótipos, encontros sem preconceitos, olhares, nada além de olhares, nus e abertos, sem valores predeterminados, apenas o indizível. A experiência do outro, em geral, é mascarada pelo social, pelo capital. Tudo no outro é signo para interpretações baseadas em estereótipos: o penteado, o sapato, o carro, a língua, o sotaque, os gestos... (MEDEIROS, 2005, p.117).

No capítulo anterior foi supramencionado a possível exigência social em atribuir à arte uma específica função, e este estudo tem como um dos objetivos, elucidar que provavelmente essa não é uma verdade, pois a arte possui várias “funções”, ou melhor, dizendo, “relevâncias”, e por não ser diretamente utilitarista, pode haver uma não compreensão da mesma, e por isso afirmar que seja desnecessária, podendo ocasionar então a sua desvalorização.

Esta é uma questão que pode dificultar o papel do artista em exercer o seu papel, não somente essa, como também podem existir crises existenciais, familiares ou mesmo sociais, como preconceito. Existem outras questões tanto psicológicas, sociológicas e antropológicas para explicar com melhor precisão e qualidade as outras problemáticas existentes no fazer artístico, mas este trabalho não pretende ir a fundo nessa questão por ser um assunto muito abrangente que necessita de maior tempo de pesquisa, mas o que se aborda é que existem preconceitos com a arte na sociedade, talvez porque haja certa

dificuldade em se ter um mercado de trabalho de maior acessibilidade aos artistas.

Outro problema da atual realidade do teatro contemporâneo, por exemplo na cidade de Brasília-DF, é que o mesmo está cada vez mais perdendo o seu público, estando seu espaço cada vez mais vazio, salvo, às vezes, específicas instituições com alto valor comercial, liderado normalmente por alguma empresa institucionalizada, onde se pode encontrar todos os assentos ocupados em determinado tipo de espetáculo. Um bom exemplo é o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), em Brasília, que sempre tem a casa lotada, talvez também pelo preço acessível dos ingressos.

Entretanto é mais comum se encontrar nesse espaço, a população que possui um maior poder aquisitivo, pois o CCBB encontra-se em uma localização de difícil acesso a algumas localidades do Distrito Federal e cidades entorno, pois além de muitos precisarem se deslocar grandes distâncias para se chegar ao local, muitos outros que não possuem meios próprios de locomoção, necessitam do precário sistema de transporte público. Abordando Brasília como exemplo, uma possível resolução do problema seria a de privilegiar as outras localidades da cidade, disponibilizando teatros acessíveis, perto de suas respectivas casas.

A problemática da falta de público no teatro é bem complexa, pois envolve também vários outros fatores. Um deles é o cinema e a televisão e a comodidade que essas duas linguagens oferecem para se encontrar entretenimento acessível sem sair de casa. Outro problema social é o aumento da violência em que muitos preferem ficar assistindo televisão e filmes, em vez de ir ao teatro se arriscando ao sair de casa.

O teatro contemporâneo possui também, um discurso que muitas vezes não é acessível ao entendimento de muitos, sendo muitas vezes elitista, criando segregação social. Não que a culpa seja do teatro e nem das pessoas, mas existe algum fator na sociedade que está em falta, para que o discurso seja compreensível a muitos; talvez seja um problema de educação para o sensível que a arte proporciona, por exemplo.

No livro *Aisthesis*, Beatriz Medeiros cita que algumas pessoas fora do ramo das artes não se sentem no direito de participarem da arte, sentem que aquilo é muito distante de suas vidas; e já as pessoas das artes apreciavam e

gostavam de interagir e agregar a arte a elas, principalmente com performances.

São séculos de distanciamento entre a arte e o grande público. O “favor não tocar” dos espaços institucionalizados, se enraizou. Em 1996, o GPCI realizou diversas instalações em bares em Brasília e em suas cidades satélites. Algumas pessoas, frequentadoras desses bares, não ousaram penetrá-los suspeitando a diferença. Interrogados, respondiam não entender de arte e não entrar em locais onde havia exposições artísticas por não se sentirem convidados. (MEDEIROS, 2005, pp. 103-106).

Medeiros explica também, em seu livro que, as pessoas fora do ramo das artes tendem a ver a arte com um certo “enclausuramento simbólico”, ou seja, mesmo que a arte esteja fora de museus e seja feita de maneira humilde nas ruas, as pessoas que estiverem na rua naquele momento vão rotular e identificar como sendo arte, e automaticamente o objeto se tornará algo distante. Isso ocorre também entre os artistas.

Logo que declaramos algo como sendo “obra de arte”, o espectador, será motivado a criar este enclausuramento e, conseqüentemente, a colocar o objeto artístico, em uma redoma imaginária, criando o imediato e definitivo distanciamento que impedirá qualquer possível perturbação (e até mesmo o êxtase) do espectador. (MEDEIROS, 2005, p. 103)

Este problema, ocasionado pela instituição, pode afetar o indivíduo a não se permitir sentir, estar aberto a uma sensação, e de explorar algo novo, pode ser um candidato a não transformação, algo que pode não ser interessante, pois a transformação na maioria dos casos é bem vinda na vida de algumas pessoas. Não necessariamente, é uma regra, pois nem sempre o novo é melhor do que o antigo, mas normalmente a transformação que vem junto de uma reflexão introspectiva, pode trazer melhorias.

Esse também pode ser um dos problemas que os artistas encontram na sociedade, pois a partir do momento em que o público não se sente convidado com sua arte, ele se tornará um estranho social, podendo até ser excluído. Muitas vezes o trabalho não será aceito ou compreendido, pois na maioria das vezes a arte irá tratar temas que incomodam as pessoas, estas que algumas vezes não permitem mudanças

Outro problema que ocorre é quando as pessoas tentam entender a arte, não que isso seja ruim, aliás como Medeiros afirma, a obra só pode ser considerada arte a partir do momento em que há um retorno simbólico compreensivo do espectador. O problema surge quando o espectador tenta intelectualizar uma obra no sentido de dissecar, tentando compreender o que o artista estava tentando retratar, ou ainda criticar a obra a partir de preconceitos e julgamentos perante a obra e o artista, desmerecendo seu árduo trabalho, só por causa de seu gosto pessoal.

Algumas pessoas também por colocarem seu gosto pessoal à frente da arte podem até considerá-la dispensável, o que não é o ideal, pois como foi tratado anteriormente, a arte possui sim relevância na sociedade, mas o que se deve evitar é empregar a ela uma função no sentido de obrigatoriamente servir para algo específico. Mas, por algum motivo as pessoas questionam sobre a relevância, por exemplo, do teatro.

O teatro ocidental iniciou-se na Grécia antiga, mesmo com a escassez de textos críticos como pode ser visto no livro “Teorias do teatro”, de Marvin Carlson (1995), é possível analisar este período através dos escritos de Aristóteles. Marvin afirma que a obra “Poética” de Aristóteles é a de maior significância para geração de desenvolvimentos de teorias teatrais, ao longo dos séculos seguintes. Alguns textos clássicos, mesmo não tendo a mesma dimensão de Aristóteles, tiveram certa relevância, como Platão (c 427-347 a.C.) com sua obra “República”, em que ataca a arte e os artistas como contadores de mentiras dos homens e dos deuses, de imitadores da natureza sendo que para serem autênticos estariam interessados na realidade, e por último, que são fertilizadores e regadores da paixão, sentimento, que para Platão, deveria ser desencorajado e banido da arte.

Aristóteles afirma que a tragédia “representa não homens, mas ações” seus “agentes são personagens em ação.” Em “Introdução às grandes teorias do teatro” de Jean-Jacques Roubine (2000), afirma que Aristóteles crê que a tragédia não deve visar ou se basear no realismo, mas sim sobre o possível, sobre o que poderia ter acontecido. Mas o ponto central, que se pode concluir da “Poética”, de Aristóteles, para este específico estudo, é a representação. “Desde a infância os homens têm inscritos em sua natureza, ao mesmo tempo,

uma tendência a representar [...] e uma tendência a sentir prazer com as representações. (ARISTÓTELES apud GUÉNOUN, 2004, p.18).”

É o prazer no sentido de descoberta do novo, de conhecimento teórico, como afirma Denis Guénoun em “O teatro é necessário?”, onde explica também que o ato de representar é antes de tudo ativo, porque o elo entre a representação e a ação é múltiplo, íntimo e essencial. “Aqueles que representam, representam agentes.” (GUÉNOUN, 2004, p.19). A necessidade de representar e de olhar o que se representa. É a necessidade de uma prática (cênica) e uma teoria (espectadora). (GUÉNOUN, 2004, p. 38).

D’Aubignac, citou inúmeras vezes, em seu livro “A prática do teatro”, a obra “Poética” de Aristóteles, assim como muitos outros de séculos distintos que tentaram entender e apontar críticas sobre a obra, pois Aristóteles foi e ainda é muito polêmico. Mas D’Aubignac afirma que sua “prática” é a do dramaturgo:

A habilidade para preparar os incidentes, para reunir os tempos e os lugares, a continuidade da ação, a ligação das cenas, os intervalos dos atos, e cem outros detalhes, não nos restou nenhum relato da antiguidade e os modernos falaram tão pouco sobre o assunto que é possível dizer que eles nada escreveram a respeito. É a isso que chamo pratica do teatro. (D’AUBIGNAC apud GUÉNOUN, 2004, p.42).

Assim como para Aristóteles e D’Aubignac, a prática e o “fazer” do teatro estavam na escrita, nos poemas. D’Aubignac afirma também que a necessidade do teatro era política, estava vinculada ao estado, para que ela pudesse transmitir a outras nações sua cultura “marcas mais sensíveis e mais gerais da grandeza de um estado”, o estado em sua grandeza. Outra função importante que é dada ao teatro é que a palavra não tem valor a não ser como ato, ou seja “Se o teatro se contentasse com enunciar as verdades em sua intelectualidade específica, discursiva, ele não apresentaria de forma mais sensível do que um sermão feito de um púlpito. O sensível do teatro é a exposição da ação. (GUÉNOUN, 2004, p. 55)”.

O século XVIII marca o nascimento do conceito de estética. Desta época destacam-se Rémond de Saint-Albine, François Riccoboni e Diderot, que todos defendem a tese de que “O ator é separado dos personagens ao qual ele da

vida... O teatro não é mais a arte de escrever com vistas à representação, mas a arte de representar o que foi escrito”. (GUÉNOUN, 2004, pp. 57-58). Riccoboni demonstra essa afirmação em sua obra ao dizer que o ator não sente realmente o que esta representando, expressando:

Quando um ator expressa os sentimentos de seu papel com a força necessária, o espectador vê nele a mais perfeita imagem da verdade para atuar bem, deve-se levar a ilusão até esse ponto. Espantados por uma imitação tão perfeita do verdadeiro, alguns a tomaram pela própria verdade e acreditaram que o ator era tomado pelo sentimento que representava. Nunca me rendi a esta opinião, correntemente aceita, porque me parece provado que, se temos a infelicidade de sentir realmente o que devemos expressar, ficamos sem possibilidade de representá-lo. (RICCOBONI apud GUÉNOUN, 2004, p.61).

Percebe-se aqui o jogo do ator, representante e representado como naturezas distintas, ao contrário de Aristóteles e D'Aubignac, que acreditavam que a verdade estava na verossimilhança, a semelhança do verdadeiro, essa que na verdade seria uma ilusão, ou seja, o ator deveria manter uma máxima distância em relação ao seu personagem, pra poder então haver a identificação a partir do público, afirma Guénoun, e diz também:

A ilusão dos espectadores, o prazer deles, é produzida pela distância ampliada entre o ator efetivo e suas figurações imaginárias, e pela identificação, tornada possível pela extensão desta distância. A *ilusão* dos espectadores é sustentada pela *identificação* dos atores. A questão da eventual necessidade do teatro vai estruturar-se, então, como a questão da *necessidade da identificação*, quando se representa, e a *necessidade de ilusão*, quando se olha. (GUÉNOUN, 2004, p.70).

Destas afirmações caminhamos para os estudos do psicanalista Freud (apud GUÉNOUN, 2004, p.77), que acreditava que o espectador possuía uma necessidade de se sentir herói, este que muitas vezes se sentia miserável a ponto de que nada de importante poderia ocorrer em sua vida, que por muito tempo se sentiu obrigado a reprimir e deslocar sua ambição de se posicionar em algum momento, no centro de algum assunto mundial. O espectador anseia sentir, agir e dispor as coisas de acordo com seus desejos.

O teatro e o ator podem fazer com que isso aconteça, com que o espectador se identifique com o herói da peça, isso ocorre graças a ilusão, que permite ao espectador experimentar sensações, cometer ações, assumir um ser ou ainda um ideal do eu, um eu idealizado (Guénoun, 2004, pp.79-85). Visto isso, pode-se começar a dialogar com Stanislavski que tentou evidenciar a teoria do ator, afirmando que a distância entre ator e personagem, para ser estruturada, deve ser a mais próxima possível, ou seja, é preciso fazer todo o possível para reduzir a distância. A identificação entre ator e personagem seria crível, a partir do momento que o ator vivesse o papel a cada instante que o interpretasse, experimentando intensamente os sentimentos que sustentavam a personagem:

Se não se “vive” seu personagem não pode haver arte verdadeira... A relação é orientada do personagem para o ator. “todo esse trabalho permitir-lhe-á *impregná-lo com seus sentimentos pessoais*” aí, em contrapartida, o trabalho se transfere da vida do ator para o seu papel. (GUÉNOUN, 2004, p.90-91).

Para Stanislavski o ator é que irá preencher e criar a imaginação das palavras do texto, a necessidade então do teatro é de *viver o imaginário*. Guénoun mostra que Sartre diz que “o ator *vive inteiramente num mundo irreal*. E pouco importa se chora *realmente*, arrebatado por seu papel.” (GUÉNOUN, 2004, p.94) e que o ator se realiza no personagem (não o contrário) juntamente com os espectadores.

Para Denis Guénoun nossa realidade e necessidade da arte estão localizadas diferentemente das teorias do passado aqui abordadas. A identificação que se articula com as diferentes instâncias, do ator com seu papel, do público com o espectador e deste como herói “não é o sistema de nossa experiência”. O espectador já não se identifica mais com o herói, mas não necessariamente não somos mais “tocados”. A diferença é que hoje em dia não vamos mais ao teatro para nos projetarmos ao personagem, mas vamos simplesmente assistir a “*um espetáculo*”. A identificação pode até ocorrer, mas a identificação não é “o ponto determinante da análise”.

O teatro se deixou despossuir do imaginário que havia elaborado em seu âmbito histórico, de sua ideologia devido ao surgimento do cinema, este

que projeta de maneira mais efetiva o imaginário. O cinema é o único capaz do real naturalismo, pois quando assistimos a um filme não vemos atores e sim personagens, e por isso conseguimos verdadeiramente nos identificarmos com o personagem. No cinema há unicidade entre ator e papel. O cinema, então, é mais eficaz para identificar e retratar imagens do imaginário. Assim, então o teatro encontra-se em outro patamar da contemporaneidade (GUÉNOUN, 2004). Para ele, o teatro contemporâneo esta na base do jogo:

No palco hoje só nos resta o jogo dos atores... O jogo do ator não é mais determinado pelo imaginário dos personagens... Nossa questão não é mais fazer viver, nem, portanto, viver papéis. Atualmente alguém se torna ator, fundamentalmente pelo desejo de ser ator. O ofício do ator em si que agora mobiliza o desejo... a necessidade é que teatro é o jogo deste existir que oferece ao olhar o lançar de um poema. Só o teatro faz isso, só ele lança o poema diante de nossos olhos, e só ele lança e entrega a integridade de uma existência. Comandadas por este lançar que vem dos extremos poéticos da língua, a nudez, a precisão e a verdade fazem do teatro uma necessidade absoluta (GUÉNOUN, 2004, pp.130-131-137-147-148).

O estudo de Denis Guénoun foi de suma importância para reflexão deste trabalho em busca da relevância da arte, e do teatro na contemporaneidade. Concordo parcialmente com as afirmações de Riccoboni, Freud, Stanislavski e do próprio Denis. Com Riccoboni concordo com a sentença “se temos a infelicidade de se sentir realmente o que devemos expressar, ficamos sem possibilidade de representá-lo.” Isto é uma possível verdade, pois quando o ator lida com um sentimento ou situação mal resolvida, frustrante ou traumático ele sairá da linha do personagem e estará em uma posição de egocentrismo, tratando apenas de seus sentimentos, ou ainda tomado por eles a ponto de não conseguir sair da situação, levado às suas emoções.

Por exemplo: o ator, quando realiza uma cena muito triste, e ao sair de cena ele continua chorando é por que aquele sentimento não está bem resolvido, o ator precisa então resolvê-lo para então entendê-lo profundamente, pois entendemos melhor depois que superamos. Ao superar poderá então representar, pois teatro não pode ser apenas terapia para o ator resolver sua vida, o teatro é uma profissão. Claro que isso não é uma regra, pois o ator pode também ter chorado por ter se emocionado artisticamente com a cena, o

exemplo acima é relacionado a uma situação específica, em que o ator possui sentimentos reprimidos ou mal resolvidos (conscientes ou não), podendo ter dificuldades de interpretar específicos trabalhos.

Em Freud concordo com a identificação, ainda que Denis dialogue em divergência, pode-se ainda existir sim, a identificação do espectador com o personagem, assim como também pode haver identificação do ator com o personagem. O ator não necessariamente deve ser o personagem, mas acredito que deveria identificar-se a ponto de entender suas emoções. Muitas vezes o ator fará um personagem fora de sua realidade, com situações nunca existentes em sua vida, mas o ator que se coloca no lugar da personagem e tenta adentrar em sua realidade pode associar as emoções com maior profundidade.

Por exemplo, o personagem perdeu o tio, e o ator um primo, não são as mesmas pessoas e nem o mesmo parentesco, e a dor nunca será igual, mas o ator pode compreender a dor e tentar compará-la com a sua dor. Acredito que o ator que melhor associa emoções é o que obtem mais êxito na interpretação. O ator compartilha suas emoções com o personagem e vice-versa. Isso aproxima com Stanislavski e sua teoria da memória emotiva.

Com Denis concordo com o jogo teatral e também que o ator quer praticar o ofício de ser ator, mas não concordo que não possa haver identificação, assim como que o cinema não necessariamente é mais eficaz em transpor imagens do que o teatro, essa é uma afirmação pessoal. Para muitos o teatro vai ser melhor que o cinema, pois irá “tocar” de uma maneira mais intensa, assim como não podemos afirmar que o cinema ou o teatro são melhores do que a dramaturgia no papel, pois ao trazermos a peça personificada colocamos à tona nossa idealização e compreensão pessoal do texto. O que se apresenta irá agradar ou não o espectador, pois o mesmo possui suas próprias convicções, opiniões e imaginação. Tanto o teatro quanto o cinema podem ou não satisfazer ou preencher as expectativas do público, de maneiras distintas.

O espectador pode se sentir mais “tocado” com um livro, estimulando sua imaginação, em vez de um filme, pois o filme impõe suas imagens e podem ser inferiores as que o expectador possui. Dizer então que o cinema é

mais eficaz que o teatro é um grande equívoco. Mais eficaz pra quem? Assim como também é um equívoco limitar a arte simplesmente ao “jogo”.

Beatriz Medeiros afirma em relação à Arte Visual, que também cabe neste caso, que é impossível discursar sobre a arte a partir de tentativas de descrevê-la ou interpretá-la “Qualquer discurso sobre uma arte será apenas uma leitura efêmera, a partir de um certo ponto de vista, um ponto na amplidão. Se explicar, concluir e extrair significados será redutor.” (MEDEIROS, 2005, p. 82).

Quando há arte, esse mundo é sempre novo, pois é uma possibilidade do mundo, uma visão ímpar, uma conjunção, até aquele momento inimaginável. A Aisthesis funda o imaginário. É ela que abre o ser humano para subjetividade e para a intersubjetividade. Aisthesis é desejo de compartilhar... Sartre (1976): “A obra de arte requer a neutralização do mundo real.”- neutralização temporária do mundo real para trazer uma outra visão sobre esse real, um outro estar neste mundo, sempre, apenas, quase real. (MEDEIROS, 2005, p.58).

O jogo faz parte sim do teatro, mas não o é somente, pois pode também estar ligados ao teatro a identificação, sensibilidade, sentidos e sentimentos buscados intensamente pelos artistas. No próximo capítulo será abordada a função do artista na sociedade baseando-se, também, na análise do espetáculo “Os gatos morrem no asfalto” escrito pelo diretor André Amaro.

CAPÍTULO III – A FUNÇÃO DO ARTISTA NA SOCIEDADE A PARTIR DE UMA ANÁLISE DO ESPETÁCULO “OS GATOS MORREM NO ASFATO”.

“Para que serve nossa arte? Para que possamos fazer um bom uso dela, temos que passar por um longo aprendizado. Quando exercitada de forma certa, nos torna, dia a dia, pessoas mais conscientes. Nossa percepção se alarga e começamos a enxergar uma porção de coisas: quem somos, o que fazemos nesse mundo, para que servimos e a quem? Por fim chegamos à compreensão do outro. É um sentimento sagrado, um prêmio que o teatro nos dá.”
Myrian Muniz- **O percurso de uma atriz.**

O artista faz arte segundo seus sentimentos, suas vontades, seu conhecimento, suas idéias, sua criatividade e sua imaginação. A função do artista então está de acordo com a sua arte. O ator também possui funções dentro da arte. Ele não só apenas interpreta o texto, como também cada vez mais é multi-tarefado, o ator é um “ator-autor”, A referência “ator-autor” foi designada pelo ator e diretor Sérgio Penna, e caracteriza o ator que intervém na criação cênica e dramaturgica, além de se envolver com autoria dos processos de pesquisa e investigação autoral, num envolvimento global da noção de atuação (FISCHER, 2003, p. 91). No artigo “Aspectos da autonomia do ator nas criações do teatro de grupo” de André L. A. N. Carreira e Daniel Oliveira da Silva, afirma-se:

Ao conceber previamente o espetáculo, o ator passa a ser uma espécie de codiretor do espetáculo. Trata-se também de um espetáculo que teve sua construção dramática feita ao longo do processo, cuja autoria dialoga amplamente com as inquietações criativas do ator. Neste processo específico, exemplifica-se o trabalho de um ator que parece um ser, um coautor e coencenador da obra. Escrita poética do ator com a escrita poética de um escritor, que atribui sentidos a partir de sua própria experiência, sendo, por este motivo, um “ator-autor” da escrita.

Percebe-se então que o ator possui a função de ator-autor, ator-criador, ator-pesquisador, ator-dramaturgo e ator-encenador. Mas isso é dentro da arte. Dentro da sociedade qual seria então a função do artista? A arte é uma prática simbólica, porém a sociedade não considera todas as representações simbólicas como arte.

O que define essa classificação e diferencia essa pequena fatia é a inserção em um circuito que a institucionaliza, para que uma realização seja considerada obra de arte, deve passar por um processo de incorporação a um sistema de arte, ou seja, pelo conjunto de indivíduos e instituições responsáveis pela produção, difusão e consumo de objetos e eventos, por eles mesmos rotulados como artísticos, e, também, pela definição dos padrões e limites da arte para uma sociedade, ao longo de um período histórico. (BULHÕES, p.1).

A institucionalização foi decorrente de um processo histórico desde o séc. XIV, para definir a função da arte. A arte possuiu muitas funções, conseqüentemente o artista também. Sempre relacionado com a sociedade, o artista juntamente com a arte, a cada época possuiu diferenciadas funções. A partir do séc. XIV na Itália surge uma nova diferenciação entre pintores, ligados aos mecenas e literatos, e artesãos, Maria Bulhões explica que a institucionalização deu origem nessa época e que:

A estética, a História da arte e a crítica da arte garantiram discursos legitimadores para essa produção, enquadrando nas suas normas tudo o que recebia o seu reconhecimento... As academias de Belas-Artes e os Salões de Belas-Artes foram instituições criadas para responderem pela definição da arte, bem como para indicarem quem merecia integrar a categoria de artista (BULHÕES, p.2).

Bulhões explica também que esse sistema de arte surgiu no ambiente das cortes, ou seja, a sua visualidade era imposta como dominante sobre as outras classes sociais. A função então da arte era a de distinção social, que é um conceito que existe até hoje na contemporaneidade, mesmo sendo mais diluído e com questionamentos, é ainda existente.

O sistema de arte europeu dominante fortaleceu seus três aspectos- elitismo, exclusão e dominação- principalmente em relação às diferentes etnias durante todo o processo de expansão colonial, marginalizando as produções simbólicas dos povos conquistados e designando-as sob a categoria de artesanato. (LAUER apud BULHÕES, 1983, p.3).

A sociedade se apropria desse sistema posto pela arte, tornando-a preconceituosa; e esse sistema nasceu entre os artistas que criticavam o trabalho de outros artistas como inferiores, criando competições e crises existenciais entre os artistas. O artista comercial ligado ao mecenas, capitalismo, trava uma guerra com o artista excluído do sistema e ambos desmerecem e desqualificam o trabalho do outro, como dialoga Pierre Bourdieu em seus estudos:

Os campos artísticos constituem-se em espaços de luta por poder simbólico, neles são disputados não só a participação na hierarquia do poder, mas também o controle das regras de atribuições de valor e de autorização de participações... Os que se encontram instalados no sistema desenvolvem estratégias de conservação, com o intuito de preservar suas posições e obter vantagens com o capital cultural já acumulado. Os que estão de fora ou são recém-chegados desenvolvem estratégias de subversão, visando qualificar seu capital cultural (conhecimentos, critérios e conceitos sobre a arte) e inverter o quadro de critérios de apreciação dos produtos artísticos, desqualificando o capital detido pelos dominantes. (BOURDIEU apud BULHÕES, 1983,1996, pp.2-3)

Séculos se passaram e a sociedade tentou democratizar a arte, por exemplo, na década de 60, que aconteceu o fim do ideal da arte, a morte dos sonhos. Mas havia uma falta de referência, pois o discurso da negação não afirmavam os artistas, mas sim os negavam apenas. Mas foi um importante simulacro cultural, maior que o original, devido à diluição dos conceitos da arte relacionados ao belo, a estética, crítica e História. Ou seja, não era a arte que estava decadente, mas sim o seu antigo conceito artístico.

Houve a perda do valor social da arte, artistas perdendo sua função, perda do glamour, tudo isso porque a instituição Belas-Artes perdeu seu histórico conceito e função, ao qual a arte e os artistas acreditavam e viviam piamente, mas também passaram a fazer parte de um contexto. Aparentemente a arte transformou-se então depois desse quadro histórico, mas não obteve êxito, porque até então ainda existia a função de distinção social dentro dela. Alias, existe até hoje a distinção social preconceituosa dentro da arte e dentro da sociedade.

Permanece o caráter elitista dos sistemas de arte, por meio da tradicional aliança entre o capital econômico e o capital cultural. Agora internacionalizada, e muito mais concentrada no circuito dos grandes valores de mercado e de legitimação, essa aliança garante o controle das elites sobre as instâncias de poder e de atribuição de valor. A arte continua a ser uma forma de capital cultural que determinados grupos sociais e financeiros controlam. (BULHÕES, p. 6).

Preconceito da figuração em detrimento da abstração e vice-versa, preconceito da arte acadêmica em detrimento do autodidatismo, preconceito da arte em detrimento do Artesanato, preconceito de artista rico em detrimento de artista pobre, preconceito de artista renomado em detrimento de artista iniciante, preconceito de artista velho em detrimento de artista jovem.

Um exemplo do preconceito dentro da arte é a personagem Morte, da peça “os gatos morrem no asfalto” de André Amaro, na cena em que ela é uma diretora de teatro, e avalia de maneira arrogante, prepotente e preconceituosa a atuação da atriz Bali, ridicularizando-a e sempre a incentivando de que ela não nasceu para ser atriz, e que deveria mudar de profissão. A personagem logo após o teste, desiste de ser atriz.

O espetáculo “os gatos morrem no asfalto”, realizado pelos alunos de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, em projeto de diplomação em 2011 no Teatro Caleidoscópico, demonstra com eficácia o preconceito existente na arte, e também a diluição do antigo conceito das Belas-Artes baseado no glamour, em que muitos artistas perderam o seu papel.

A peça é uma fábula urbana sobre a fria e solitária existência dos artistas, que são apresentados em decadência, sem emprego, sem dinheiro e sem perspectivas. É retratado no palco, artistas da contemporaneidade,

vivendo nessa decadência, como por exemplo, a cantora Misty, que é bêbada, desacreditada e aparentemente derrotada, que só apresenta em bares vazios.

O artista chamado Vilorio, que mendigava enquanto poeta e que agora poetiza enquanto mendiga, juntamente com seu companheiro Ventana, um palhaço frustrado, aparentemente louco, que dança para lua. A atriz Bali, que a mais de um ano não tem emprego e que após receber críticas dolorosas em um teste de teatro, não conseguindo o papel, vai a procura de trabalhos domésticos. Mas mesmo assim não dá certo, e vai para a rua pensando em se prostituir e acaba virando uma “gata no asfalto”.

A bailarina Lis desempregada que sofre preconceitos dentro e fora do ramo das artes, devido ao seu tipo físico, passa por uma crise de identidade e tem um encontro com a morte, porque se tornou bruta e já não sente mais em si, a vida. A morte é uma poetiza, e ao mesmo tempo é a personificação do artista morto, pois ela é uma servidora pública concursada, e para o autor, é morte para o artista que revoga a arte para fazer concurso público, pois este não conseguiu sobreviver tendo como profissão, o fazer artístico.

Os artistas da peça não conseguem estabelecer um diálogo, não penetram o mundo, ficam a margem dele, excluídos, pois não se enquadram aos parâmetros artísticos impostos pelo gosto da sociedade. Andam fora da normalidade, caminham na linha estreita entre o fracasso e o sucesso, entre gatos e anjos. Nas palavras do poeta mendigo, “a Arte é feita para Deus. Os outros apenas testemunham” isso quando há testemunhas.

Personagens de sonho, mas reflexos claros, às vezes cruéis, às vezes risíveis da desmistificação do glamour e da decadência da arte na nossa sociedade, taxada na peça como “anti-musical, retrógrada e ultrajada pelo materialismo”. O mundo inventou a arte, mas prescinde dela, e os artistas sem ela não podem inventar o mundo. Pois, mesmo muitos que preferiram serem apenas “homens corretos, direitos”, muitos outros preferiam “padecer de sua loucura” e viver da arte.

Edgar Allan Poe, no ensaio "O princípio poético" (Poe, 1987), é claro e preciso em sua opinião que separa a arte da moral e da verdade.

Tampouco se deve o artista preocupar com a verdade do que descreve. É-lhe lícito escrever um poema onde se violem todas as probabilidades – logo que, é claro, a violação dessas probabilidades

não implique diretamente uma falha na natureza do poema, como seria por exemplo, o anacronismo num poema histórico, o erro psicológico num drama, etc. a verdade pertence à ciência, a moral à vida prática. A faculdade do espírito que trabalha na ciência é a inteligência (observação, Reflexão). A faculdade que trabalha na vida ativa é a vontade. A faculdade de que depende a arte é a Emoção. Não tem de comum com as outras nada [...] Quanto à má influência exercida pela arte na vida prática, isso é um dos delírios dos avinhados da inteligência. A arte propaganda faz mal, porque, por ser propaganda, é sempre má arte, e, e por ser arte é sempre má propaganda.

O artista não tem que se importar com o fim social da arte, ou antes, com o papel da arte adentro da vida social. [...] o artista só tem que fazer arte [...]

A única preocupação admitida para um artista é com a coerência interna da obra, que nada deve a outras esferas do pensamento. A tentativa é dignificar o fazer poético *per se*, livrar a arte da obrigação de transmitir de valores morais ou exemplos edificantes, criar um campo próprio para a arte.

A essa explicação deve-se agregar também que além do ator realizar a sua arte, ele também terá sempre cunho social. A arte é um meio de comunicação, uma linguagem, é uma contribuição para a tomada de consciência do novo, causar o necessário estranhamento no público, para que este possa se ver de uma nova forma, retirando-o de sua zona de conforto. Em entrevista para a revista digital “periscope” Elida Tessler afirma “Talvez sua função seja de criar lugares para perguntas sem respostas evidentes, assegurando espaço para suas ressonâncias, acreditando no valor de uma pesquisa em torno delas.”

A função do artista pode também estar ligada a política de uma determinada época, como quando na ditadura no Brasil, os artistas lutavam por liberdade artística. Ou como no Teatro Fórum, do Teatro do Oprimido, o artista deve ajudar a combater a dupla opressão (individual e coletiva) exercida no teatro e na sociedade: “Liberando o espectador da sua condição de espectador, ele poderá liberar-se de outras opressões.” Afirma Augusto Boal, criador do estilo teatral. Amir Haddad explica em entrevista encontrada no site You tube, o que é ser artista em sua opinião:

Artista, conforme a gente entende hoje é um conceito moderno, é um conceito da burguesia, deste mundo capitalista do pragmatismo da burguesia protestante. O artista também começa a ser formado segundo os valores que regem esta ética, neste sentido, este artista da burguesia não tem papel nenhum. O papel dele, por não ter consciência do que esta tendo, é a manutenção das coisas. Ele é pão e circo. Toda pessoa que se dispõe a trabalhar sua criatividade, sua

sensibilidade, a organizar o seu discurso, ser capaz de dominar seus recursos expressivos a ponto de conseguir comunicar coisas mais importantes entre um ser humano e outro, aprofundando os níveis de relação, todas essas pessoas que são capazes disso tem um papel importante na transformação que estamos vivendo agora. Não há de ser economia que vai trazer a saída pra gente, vai ser preciso na verdade muita imaginação. Nós estamos vivendo um final de tempos; a crise econômica é grande no mundo, mas a crise moral é maior. Como vou enfrentar um mundo de convulsão, sem valores? Não há valores. Não se pode acreditar em nenhum dos valores que a burguesia capitalista trouxe, plantou, que agora não significam mais nada; não há quem respeite. Que valores nós estamos trabalhando? Para onde eu vou se eu me desencanto? E o desencanto esta presente. A ausência de perspectiva é muito grande, e quem pode criar e abrir esses horizontes é o ser humano; a criatividade, a imaginação. É esse o papel que o artista terá. Neste momento a participação do mesmo é muito importante. Mas eu não posso conciliar a minha vida de cidadão que vende da sua mão de obra, com a minha função de cidadania. Marx dizia que o ator burguês jamais iria resolver essa contradição; é o que ele pensa, e o que ele pode fazer. O artista que não tem noção da sua própria cidadania trabalha apenas para manutenção das coisas do seu próprio interesse, não será diferente de ninguém, para ter uma função social maior para arte, que é chegada como produto. A vida cultural não é produto cultural; tem um tipo de exercício de sensibilidade, que se faz através das ferramentas que a vida cultural desenvolveu, mas não é necessariamente um produto.

A função do ator, por exemplo, pode ser de despertar sensibilidade através de produto cultural, atuar e ser responsável por como o personagem se comporta, dar-se conta de suas atuações e trazer o inconsciente de suas emoções e de suas ações para a consciência. Para que com isso faça o outro refletir, repensar e espelhar novas possibilidades de existência. O artista deverá ter consciência de que seu papel na sociedade é bem maior do que aquele que ele representa em cima do palco.

O artista na maioria das vezes é o “norte” da sociedade. Por isso o artista não pode ser pretensioso, se achar superior à sociedade. Está impregnado no intelecto social, no senso-comum, de que o artista por possuir uma grande sensibilidade, ele necessariamente é superior às outras pessoas, que ele é o ideal de evolução da humanidade, estando acima ou à parte da sociedade. Ou, há quem diga que são desnecessários na sociedade. Ambas as afirmações estão equivocadas.

O artista é sensível, mas não é melhor do que ninguém; sua profissão é tão importante quanto qualquer outra. O artista que tem a postura arrogante é na verdade preconceituoso com os outros, e na verdade está exercendo o mesmo preconceito que é dado contra ele, pela sociedade. No fim das contas é

apenas um hipócrita. Ele precisa ser humilde quando promover a arte, para que ele não se promova apenas.

O artista pode usar o seu papel social como instrumento com o qual estude o que está oculto atrás da máscara diária das pessoas, o âmago mais íntimo da personalidade, de maneira a sacrificá-lo, expô-lo. A sociedade se esforça para esconder sua verdade sobre ela mesma, enquanto o artista faz o contrário, ele para e se autoanalisa, convidando a sociedade a parar e olhar de perto. O artista, muitas vezes quer viver e repassar ao público todas as emoções que possui, sente e vive. O ator, por exemplo, dramatiza, interpreta e representa com veracidade a personalidade e reações que um personagem pode apresentar.

O artista, também, não tem a razão ao afirmar que ele sabe o que é bom para o público (prepotência). Afete mas não guie (pós- modernismo). Apresentar o problema, e não resolvê-lo. Motivar, pesquisar, despertar, refletir, interiorizar, investigar uma motivação e o mais importante de todos em minha opinião: Instigar.

Instigar é trazer uma informação, emoção, ação, reflexão ou um problema para o espectador; a fim de trazer uma motivação para o mesmo ir além. Instigar alguém é uma ação muito sutil, pois artista entrega a informação ou até mesmo uma sensação para a outra pessoa, apenas deixa ser provado a cereja; com isso o espectador se motiva a provar o resto da sobremesa. Instigar desperta o que há de melhor ou pior nas pessoas, mas instigar sempre é interessante, porque proporciona a pesquisa e a reflexão.

Instigar não é dar a resposta, mas sim mostrar o caminho, o leque de opções. Instigar é o trampolim para a curiosidade, imaginação e descoberta. Instigar é uma interiorização, reflexão, sair de si mesmo para se enxergar, (reflexo é o seu outro). Instigar deixa com um gostinho de “quero mais” no espectador. Essa é uma importantíssima função do artista, sendo ou não a principal.

Acredito que o artista deveria, também, lutar contra o conceito de arte imposto há séculos e que até hoje não está totalmente desvencilhado da sociedade. Assim como, também tentar ao máximo se comunicar com o público; o artista excluído e totalmente intimista não é um modelo para a sociedade, pois este não tem êxito ao se comunicar com o público, pois

ninguém irá compreendê-lo. Como visto no espetáculo, em que os artistas não conseguiam estabelecer um contato e um diálogo com a sociedade, e por isso estavam excluídos.

O público muitas vezes não entenderá com totalidade o que o artista está representando, pois envolve experiência de vida, emoções, sentimentos, etc., mas deve ao menos existir um mínimo de compreensão mesmo que racional, ou emocional. Pois caso isso não ocorra o papel do artista será inútil. Pois só irá se interessar pelo seu trabalho pessoas dentro do ramo das artes, e as pessoas fora do ramo das artes não conseguirão se apropriar de nada e acabarão formando guetos, afastando-se da arte.

Um grande número de indivíduos passou a ter acesso aos eventos artísticos, mas a multiplicidade de tendências oferecidas ao público e mesmo certo intimismo de muitos trabalhos tendem a tornar inatingíveis os códigos de fruição da maioria das obras. Elas são consumidas de forma superficial, sem uma compreensão dos seus significados nem das questões conceituais envolvidas na sua concepção. Estabelece-se, assim, uma grande diferenciação entre os níveis de apropriação do público leigo e dos aficionados integrantes do sistema, reforçando as exclusões. (BULHÕES, p. 7).

Este pode ser um dos motivos para haver preconceitos e dificuldades contra o artista. A sociedade por não compreender os significados, acaba sendo excluída e por isso não compreende a arte, logo irá interpretar e criticar de maneira errada. Pois, se a sociedade obtiver referências, isso irá fazer com que se tenham os parâmetros necessários para fazer uma avaliação mais concisa e honesta de uma determinada obra.

Ter opinião é fundamental. Mas respeitar o artista é algo importante, por mais óbvio e simples que pareça. A sociedade deve ter a consciência de dar o devido valor à vida e luta do artista, não desmerecendo o seu trabalho, ou desvalorizando-o como algo supérfluo. Observa-se os conflitos do artista dentro da arte, dentro da sociedade, e dentro de si mesmo, isso faz com que ele questione sobre sua função e sua necessidade, por isso que a maioria dos personagens do espetáculo desistiram do fazer artístico.

Como visto no espetáculo “Os gatos morrem no asfalto”, em que o autor elucida o título comparando gatos com artistas, pois como os gatos sempre se arriscam a atravessar a rua, os artistas também se arriscam ao escolher a arte como vida; ambos vivem da sorte, podendo ou não sobreviver na trajetória de

vida. Em contraponto surge na peça o “anjo” que seria a ideia do artista que deu certo no sistema, encontrando seu espaço e o sucesso. Por isso, surge uma grande luta pela sobrevivência, baseando-se muitas vezes à sorte.

Muitas vezes o artista é questionado se o que ele faz é realmente profissão, que não necessita de diploma, basta apenas ficar com a parte prática, que muitas vezes é difícil de obter, pois se baseia não apenas na capacidade do artista, mas sim de contatos, na maioria das vezes comerciais. Ou seja, muitas vezes é difícil para o artista conseguir a parte prática. Acredito que o estudo na universidade é importante, mas somente ele não forma realmente o artista, deve-se agregar também a prática e experiência de vida, pois o artista a cada ano de sua vida estará sempre reciclando conceitos de seu conhecimento.

A dificuldade para o artista é existente, mas colocar-se em uma posição de auto-piedade, não é interessante, mas sim de adotar uma postura de proatividade. É possível sim ser artista e as dificuldades são existentes para que o artista saiba se erguer, se defender e lutar contra. O artista, a meu ver, deveria evitar também, adotar uma postura maniqueísta de certo errado, bom e mal, gato ou anjo. É difícil também tentar explicar o sucesso. O que é ter sucesso? É ter dinheiro? É ter realização profissional ou pessoal de ego?

Acredito que o artista que trilhe por esse caminho encontrará muito mais dificuldades, em contraponto ao artista que simplesmente tem a força motriz artística de lutar pelo seu espaço, lutar pela existência da arte e do teatro na sociedade. Lutar pelo não preconceito social. Essa pode ser a verdadeira função do artista. Aquele que não se abala diante das dificuldades, e se utiliza da arte para promover transformação social intelectual e emocional sensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito na introdução, este trabalho tem por objetivo trazer uma reflexão, e talvez o mais apropriado seja denominar aqui como “reflexões finais” em vez de conclusão, pois este é um tema muito abrangente, e como visto no trabalho, a arte está sempre em mudanças acompanhando a História da sociedade. Assim como também, este trabalho procurou não ser taxativo ao que diz respeito de impor verdades absolutas, mas sim de procurar relevâncias que a arte possa proporcionar para com a sociedade, deixando em aberto o seu espaço de mutação, não a prendendo a nenhum conceito.

O trabalho abordou os problemas existentes com a arte e o artista, mas ao mesmo tempo teve o cuidado em se preocupar com a importância que os dois exercem na sociedade. O estudo da peça “os gatos morrem no asfalto” foi de suma importância, pois a partir dele que toda a reflexão deste trabalho surgiu. Questões como decadência, sobrevivência, ausência de perspectiva, exclusão social e falta de diálogo, foram os guias de discussão, tanto para concordar em alguns casos, como também para demonstrar que nem sempre é uma verdade, pois acredito que é possível sim viver da arte.

Os problemas abrangem preconceitos, necessidade social em se empregar utilitarismo pragmático da arte, o diálogo falho entre artista e sociedade, em que esta não compreende muitas vezes a obra criando segregações, e também a institucionalização da arte que por criar juízo de valor ao denominar uma obra artística como inferior ou superior, resultou na distinção social dentro e fora da arte.

Analisando a problemática percebemos que o preconceito surge como consequência dos problemas tratados no trabalho, como, por exemplo, a sociedade impor uma utilidade à arte. A arte não possui uma utilidade imediata de servir para algo além dela mesma, e quando a sociedade denomina uma utilidade e afirma apenas isso, acaba restringindo as tantas outras possibilidades que a arte pode exercer. Ou então por exigir uma utilidade e não conseguir denominar alguma, considera a arte como algo supérfluo ou até um

capricho do artista, acreditando então ser dispensável o fazer artístico. Ambos os problemas confluem para o preconceito.

Muitas vezes o discurso utilizado pelo artista contemporâneo não permite um diálogo com o espectador, pois muitas vezes não é compreensível e resulta na segregação, criando guetos sociais. O espectador não deve tentar entender a razão ou o porquê da obra analisando a fundo o artista, mas a obra só pode ser considerada arte, quando exerce poder de comunicação, é um triângulo entre artista, obra e espectador. Quando a obra não se comunica com o espectador, trazendo símbolos compreensíveis, o espectador poderá não ser atingido, tocado para que a arte possa ser um caminho de transformação e melhoria social. Deve haver um canal de relacionamentos entre artista e sociedade, pois a arte possui grande valor social, pois a partir dela é possível a comunicação e a linguagem como uma contribuição para a retomada do novo.

Novo no sentido do desconhecido, que causa o estranhamento para retirar o espectador de sua zona de conforto, pois a sociedade esconde sua verdade com máscaras sociais de aceitação, enquanto que o artista, antes de qualquer coisa é um ser humano, e nada do que é verdadeiramente humano lhe é estranho, por isso então o artista se autoanalisa e repassa ao público todas as emoções que possui, sente e vive. Logo o artista está de acordo com a sua arte.

Acredito que o artista deva tomar o devido cuidado também em ser humilde, não se colocando em um patamar superior a sociedade, se considerando um ser mais iluminado, e determinando que a sua arte e o seu discurso é algo melhor do que o espectador acredita, afirmando o que é bom para o público. Esta postura é preconceituosa para com o espectador.

Outro problema que pode surgir é que muitos não consideram a arte como profissão e afirmam que é hobby, uma atividade de lazer, e isto muitas vezes desmerece o estudo acadêmico. Mas mesmo adquirido um diploma, não necessariamente a pessoa é um artista formado, necessita também de experiência de vida e reciclagem de conceitos. Mas nem por isso deve ser desconsiderado como não sendo profissão. Talvez a sociedade afirme isso devido a uma dificuldade que muitas vezes o artista encontra, pra ingressar no

mercado de trabalho e conseguir seu sustento. É verdade que existe sim essa dificuldade, mas a arte e o seu papel tem muita relevância para a sociedade.

Arte está além de ser apenas para o lazer, questionadora, negadora, entre outros conceitos determinados pelo senso comum, é muito mais do que isso. Pode até ser, mas não devemos crer que é somente isso. A arte existe muito mais do que para apenas sensibilizar, é um meio que o artista se utiliza para expressar seu sentimento, pensamento, opiniões, críticas, assim também como o teatro é um canal de identificação, sensibilidade, sentidos e sentimentos buscados pelo artista. É um meio também para que o espectador se utilize para refletir sobre si mesmo e a sociedade, para melhor desenvolver sua humanidade e capacidade de ser sensivelmente pensante.

Muitas vezes o artista para alcançar o sucesso é forçado a aderir gostos comerciais, que pode ser um gosto que não faz parte do artista, e o comercial pode valorizar a qualidade em vez da originalidade e da novidade proposta pela arte. Ou então de agregar um gosto pessoal acima da obra de arte, qualificando como não arte, e deixando de lado a sua capacidade de revelar a unidade interna e contornar tensões racionais.

Acredito que o artista evite pensar em sucesso, mas sim realização pessoal e social artística. Se utilizar da arte para Instigar é trazer uma informação, emoção, ação, reflexão ou um problema para o espectador; a fim de trazer uma motivação para o mesmo ir além. Despertar a pesquisa, proporcionando a reflexão, a partir de uma interiorização.

Por isso que o artista e a arte possuem não funções, mas sim relevâncias, e apesar da problemática existente, de não receber em muitos casos, o apoio de sua própria comunidade, e família, a meu ver o artista deveria evitar a auto-piedade, e procurar ser pró-ativo lutando pelo seu espaço e transformando a dificuldade em mote criativo.

REFERÊNCIAS

- AMARO, André. **Os gatos morrem no asfalto**. Centro Gráfico Senado Federal, 1992
- ARISTÓTELES. **Poética**. Guimarães editores. *Lisboa*, 1964.
- BULHOES, Maria A. **Sistemas de ilusão: Institucionalizações que não se evidenciam**. Artigo Artes Visuais, UFRGS.
- CARLSON, Marvin. **Teorias do teatro: estudo histórico-crítico dos gregos à atualidade**. Ed. UNESP, 1997.
- CARREIRA, André e SILVA, Daniel O. **Ator-Criador, ator-autor, ator-encenador... Aspectos da autonomia do ator nas criações do teatro de grupo**. Artigo, 2005
- COLI, Jorge. **História da arte, 2006**.
<<http://liriaah.teatro.vilabol.uol.com.br/historia/historiadaarte.htm>>
- FISCHER, Stela R. **Processo colaborativo: experiências de companhias teatrais brasileiras dos anos 90**. Dissertação de Mestrado da Universidade Estadual de Campinas/SP
- GUÉNOUM, Denis. **O teatro é necessário?** Ed. Perspectiva, 2004.
- HADDAD, Amir. **A Função do Artista**. Entrevista do site You tube, 2010.
< http://www.youtube.com/watch?v=_Y-W4LBnuHM>
- MEDEIROS, Maria B. **Aisthesis: estética, educação e comunidades**. Ed. Argos, 2005
- POE, Edgar Allan. **O Princípio poético**. Ed. Globo ,1987,
- RODRIGUES, Rennan R. **História da arte. 2011**.
<<http://www.historiadaarte.com.br>>
- ROOKMAAKER, H. R. **A Arte não precisa de justificativa**. Ed. Ultimato, 2010
- ROUBINE, Jean J. **introdução as grandes teorias do teatro**. Ed. Zahar, 2